

1.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 28 de janeiro de 1938.

Dr. Carlos Drummond,

Quando lhe manifestei o desejo de obter minha transferência de inspetora do Instituto Propedêutico de São Lourenço para Belo Horizonte, ou lugar próximo à capital como Lafaiete, disse-me o Sr. que era conveniente uma indicação do Governador Valadares ao Ministro Capanema .

Não me esqueci desta recomendação, tendo logo procurado o Dr. Mário Mattos, o qual se incumbiu gentilmente de encaminhar o meu caso.

Contudo, nada soube de positivo, até agora.

Como as férias não tardam a terminar, volto à questão: quem sabe se o nosso Ministro não quereria fazer-me a fineza de entender-se, neste sentido, com o Dr. Valadares?

Se esta pergunta for impertinente, Dr. Carlos Drummond, considere-a como tendo sido feita unicamente ao Senhor.

Além dos motivos pessoais que me levam a insistir no pedido, gostaria que me fossem poupadas as longas, contínuas e fatigantes viagens, afim de poder realizar este ano dois trabalhos: um estudo sobre o Simbolismo Brasileiro, em que serão focalizados, além de Alphonsus, 5 ou 6 poetas ilustres, e uma *Antologia de Poetas Mineiros* a partir dos *Últimos Românticos*, com notícia biográfica e estudo crítico, de colaboração, o segundo, com o Dr. Arduino Bolívar.

Não é um bonito programa?

---

Como vai ser decretada oficial a ortografia simplificada, desejaria saber se o Ministério se encarrega de fazer a revisão da minha conferência por ocasião da publicação em folheto, ou se quer que eu própria a faça.

Estou me despedindo da antiga ...

Também o Dr. Basílio de Magalhães se ofereceu, bondosamente, para este trabalho.

Lamentando sinceramente o desastre que sofreu, faço votos muito cordiais para que o Senhor já esteja completamente restabelecido.

Espero que lhe tenham chegado às mãos os exemplares de *Enternecimento* e *Velário* que deixei ficar no Ministério, entregues a um contínuo, no dia seguinte ao da nossa palestra.

Queira recomendar-me ao Dr. Capanema e receber as expressões do meu apreço e da minha simpatia.

Henriqueta Lisboa.  
Rua Paraíba, 1180.

#### Notas

1. Desde 1935, quando Henriqueta passa a residir com a família em Belo Horizonte, ela tenta ser nomeada Inspectora Federal de Ensino Secundário, o que finalmente consegue por interferência de Carlos Drummond, então, Chefe de Gabinete do Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro.
2. *Enternecimento* (Rio de Janeiro: Pongetti) havia sido publicado em 1929 e, *Velário* (Belo Horizonte: Imprensa Oficial), em 1936. O primeiro livro recebeu o Prêmio de Poesia Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras.

---

2.

[Manuscrito em papel timbrado do Ministério da Educação e Saúde  
Pública – Gabinete do Ministro]

Rio, 12 de fevereiro de 1938.

D. Henriqueta:

Já restituído à vida normal, quero agradecer-lhe os votos de restabelecimento, que bondosamente formulou em minha intenção. Com esses agradecimentos, vão outros, infelizmente atrasados, pela oferta gentil de seus livros. Li-os ambos, se é que poesia se lê, quando o mais certo seria dizer que nos comunicamos com ela. E a sua poesia é, precisamente, das que ganham em ser apreendidas no mais velado e especificamente delicado de sua essência. Não é poesia de ruído e clamor, mas de vozes surdas e tons brandos. Agrada bastante a parte crepuscular do meu ser. Mas, não precisarei distribuir-lhe louvores, que lhe devem ser familiares. Mando apenas o meu agradecimento.

O Ministro Capanema, a quem falei sobre a sua pretensão, de bom grado telegrafou ao Governador de Minas, para encaminhar o assunto. No telegrama ele fez menção aos colégios que há pouco requeriam inspeção preliminar, dois deles em Belo Horizonte e dois em Conselheiro Lafaiete. Conviria secundar essa iniciativa com uma ação direta junto ao Palácio da Liberdade. É o que lhe sugiro.

O Ministério poderá incumbir-se da revisão da conferência sobre Alphonsus. Entretanto, se isso for de sua preferência, entregaremos as provas ao Dr. Basílio de Magalhães.

Os cumprimentos muito atenciosos de

Carlos Drummond de Andrade.

---

### 3

[Datiloscrito, em papel timbrado do Ministério da Educação e Saúde Pública – Gabinete do Ministro]

Rio, 8 de maio de 1940.

Henriqueta:

Restituo-lhe a carta do nosso amigo, o poeta Brito Machado. A pretensão que ele alimenta é bem modesta e vai ser atendida: o decreto de nomeação, já pronto, será remetido ao Presidente no primeiro despacho. Procurou-se dar ao poeta uma situação melhor, também em Ouro Preto, mas a política (sempre vicejante, em qualquer regime, apesar dos esforços por exterminá-la) não permitiu que isto se realizasse...

De qualquer modo, agradeço ao poeta a oportunidade, que ele me proporcionou, de receber algumas linhas suas. É com uma simpatia viva e sincera que acompanho a sua carreira espiritual.

Os cumprimentos cordiais de

Carlos Drummond de Andrade.

#### Nota

1. Brito Machado, nos livros que ofereceu à Henriqueta, deixou dedicatórias que testemunham sua admiração e amizade pela escritora. Seus livros que se encontram no Acervo são os seguintes: *Sombras e Luz*. Versos. (São Paulo: Typ. Do Argus, 1927); *Domus Aurea*. *Sonetos mysticos* (Ouro Preto: Livraria Mineira, 1928); *Ouro Preto*. Crônicas (Ouro Preto: Livraria Mineira, 1933); *Poemas do céu e da terra*. (Ouro Preto: Livraria Mineira, 1935).

---

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 28 de Outubro de 1940.

Carlos Drummond de Andrade,

Depois de ler e reler, com singular interesse, o *Sentimento do mundo*, quero manifestar-lhe a impressão que me causou esse livro estranhamente sofrido, intensamente realizado. Não conheço, na poesia brasileira, livro mais grave do que esse; nem mais sóbrio na sua plenitude artística, nem mais triste, na sua substância anímica. Do absoluto real, e só dele, se alimenta a sua poesia: grave, pois, pela força do elemento humano. Sóbrio pela concentração dessa força nos limites de uma arte impressiva, talhada a golpes firmes e fundos. E triste pela obstinação que o leva a refletir unicamente o lado cruel da existência. Talvez se explique o sentido de sua poesia à evidência de um choque entre cultura e civilização, se é que à primeira se condiciona o espírito e à segunda a matéria. Como Poeta da hora presente ('Mãos dadas'), você realiza, com a sua arte seca e breve, uma espécie de balança em que se equilibram, de um lado, as nostalgias secretas de um mundo apenas entrevisto e logo perdido ('Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!') e, do outro, a irretorquível necessidade de viver a vida quotidiana, a vida de hoje, com todos os seus apetrechos de emergência.

Essa maneira sua, terrível, de enfrentar a realidade e de rir-lhe na cara, tanto mais bruscamente quanto mais trágica ela é, esse humor cristalizado representa, de fato, não apenas o traço de união entre os impulsos contraditórios de um mesmo ser diante de uma época que não é bem a sua (pelo menos em nome da alma), como tam-

---

bém as angústias dessa época de mutações. Digo, as angústias de uma época e não de um povo, porque o nosso é ainda moço para sofrer verdadeiramente os seus próprios embates (‘Inocentes do Leblon’), a não ser em casos de lucidez e sensibilidade excepcionais como é o seu caso, o que torna mais dura a questão pelo conseqüente isolamento. Mas – e é o que mais importa – você se encontra a si mesmo: e porque tem consciência de si mesmo domina uma arte cuja honestidade se impõe, modelar.

Inimiga dessas vagezas que tantas vezes acobertam vazios, essa arte penetra o íntimo das cousas, empenhada na revelação da verdade, à semelhança de um raio-x, franca, direta, “arte, apenas, sem mistificação”. E isso obriga a pensar: como tem evoluído o conceito da poesia nos nossos tempos! Ridicularizando o que há de mais sério (‘Dentaduras duplas’ é de um tremendo, imortal grotesco), abrاندando-se raramente (‘Menino chorando na noite’ é de um lirismo envolvente), escavando o seu próprio túmulo (‘Os ombros suportam o mundo’, de estrutura agigantada, é um largo soluçar nas trevas) sua poesia sintetiza, constrói um mundo admirável de que me orgulho como brasileira, mas que não poderia deixar de penalizar-me pelo que contém de amargura na sua essência.

Falei há pouco em Verdade e já estou quase a perguntar-lhe se você terá sido sempre bastante justo para com a vida.

No entanto, alguma coisa de evangélico se desprende consoladoramente dessas páginas, alguma coisa que brilha e treme como uma lágrima: a sua atitude de generosa fraternidade humana (‘O operário no mar’, ‘A noite dissolve os homens’).

Obrigada, Carlos Drummond.

Com a estima sincera de

Henriqueta Lisboa.

---

## Notas

1. Por ocasião do lançamento de *Sentimento do mundo* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1940), o poeta distribuiu cento e cinquenta exemplares em papel *Antique* entre os amigos.
2. O exemplar de Henriqueta é o de número 96, e contém a seguinte dedicatória:

A Henriqueta Lisboa,  
com afetuosa admiração de  
Carlos Drummond  
Rio, 1, X,40

3. Uma versão desta carta de Henriqueta encontra-se publicada em *Convívio poético* (Belo Horizonte: Secretaria da Educação de Minas Gerais, 1955).

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 1º de janeiro de 1942.

Carlos Drummond,

Guardo com singular apreço a sua impressão sobre o meu livro em ‘Conversa de livraria’.

Já escrevi mais um, veja a amostra. Esperando a sua nova poesia que deve ser prodigiosa, envio-lhe saudações.

Henriqueta Lisboa

#### Notas

1. O livro a que ela se refere é *Prisioneira da noite* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira) que havia sido publicado em fins de 1941.
2. A notícia mencionada por Henriqueta, a respeito de *Prisioneira da Noite*, encontra-se nos arquivos do Acervo de Escritores Mineiros, sem referência à data e ao local da publicação. Abaixo, sua transcrição.

Conversa de livraria

Livros do Brasil

Henriqueta Lisboa – *Prisioneira da noite*, Civilização Brasileira Editora, Rio de Janeiro/São Paulo, 1941 – “*Sinto que sou raiz amarga*”, confessa-nos a autora. “*Tenho paredes espessas*”. Mas, através das paredes e da amargura, sua poesia é doce e límpida, sua tristeza



---

não se resolve em desespero, e o sentimento, mesmo desencantado, aponta a solução misericordiosa. Mais prisioneira de si mesmo do que da noite ou do mundo exterior, Henriqueta Lisboa realiza uma poesia concentrada, de expressão cada vez mais segura e diáfana, revelando as grandes caminhadas do espírito e da experiência poética. Seu nome pode figurar, sem timidez, ao lado dos de Cecília Meireles e Adalgisa Néri, que mais longe levaram, entre nós, a mensagem da poesia feminina. Anote-se este seu admirável poema “Renúncia”:

*Ó palavra: - só de pronunciar-te – meus lábios têm fel. – Martírio de sopra – vendados os olhos – ainda mais enxergam. – Disfarce de víbora – sob musgos, típico – disfarce de víbora. – Há cristais em sombra, - superfícies falsas, - fiéis `a refração. – Ciprestes se curvam – sobre a terra sáfara, - própria para túmulos. – Fontes em represa – secam-se a si mesmas.*

---

6

[Manuscrito, em papel timbrado do Ministério da Educação e  
Saúde Pública – Gabinete do Ministro]

Rio, 25 de janeiro de 1942.

Henriqueta:

Obrigado pelas notas amigas. Obrigado principalmente pelo  
lindo poema que me mandou de presente.

Os meus desejos para este ano são que ele dê a você novos  
poemas assim. Não encantam somente a meninas. Mas também as  
pessoas grandes, necessitadas de poesia.

Cordialmente,

Carlos Drummond

**Nota**

1. O poema enviado, 'Palavras', depois incluído em *O menino poeta*, encontra-se transcrito a  
seguir:

Palavras

Uma tarde entre avencas  
junto à fonte em murmurinho  
trocavam duas meninas  
as primeiras confidências.

---

- Quem me dera  
inaugurar primavera  
vestida de borboleta  
sobre um campo de flores  
para bailar e bailar  
a dança das sete cores...

- Quem me dera  
ter o meu vestido branco  
de açucena  
para casar  
na capela branca de  
Santa Maria Serena...

Essas palavras o vento  
Imaginou que eram nuvens.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 2 de setembro de 1942.

Carlos Drummond,

No meio dessa desesperante angústia que é o próprio respirar do tempo, verifico, diante do seu livro, que ainda pode haver poesia, que até mesmo este momento comporta poesia, que temos, não apenas alguma, porém muita, intensa, desapoderada poesia!

Pouco importa que ela nos acabrunhe e perturbe ainda mais, se corresponde a evidências que sentimos crescer, dia a dia, avassaladoras.

De fato é este o momento psicológico da sua poesia – que tem brilho de aço, lúcido e seco, sob a ação do fogo.

Talvez amanhã encontremos razões e palavras para contrapor ao seu pessimismo, à crueldade dessa arte, (‘ó vida futura, nós te criaremos!’) mas a sua voz figurará sempre como a voz mais significativa da hora que passa.

Não me referiria à técnica de que você dispõe se a sua arte não fosse toda um bloco, em que substância e imagem se fundem, dos alicerces às cumiadas.

Que sutileza e que força no seu poema ‘O lutador’, que síntese da história de um século em ‘Edifício esplendor’, que sentimento humano – voz embargada de emoção, áspera – em ‘Viagem na família’!

Receba, com os meus agradecimentos pela sua lembrança, a minha imensa admiração.

Henriqueta Lisboa.

---

## Notas

1. Trata-se de *Poesias*, publicado neste ano pela Editora José Olympio. Os poemas e versos citados são desse livro.
2. Dedicatória que se encontra no exemplar de Henriqueta:

A Henriqueta Lisboa,  
com uma grande e cordial admiração,  
Carlos Drummond de Andrade.  
Rio, julho, 1942.

[Manuscrito, em papel timbrado do Ministério da Educação e Saúde Pública – Gabinete do Ministro]

Rio, 6 de março de 1944.

Henriqueta:

Eu não podia receber melhor palavra sobre meu poema do que a sua. Nunca me esqueço do poeta cada dia mais concentrado, mais essencial que você é. Entre sua poesia e seu material de expressão já não há nenhum espaço vazio. Para cada conceito você encontrou a palavra justa, e essa palavra, como o conceito, é de uma fluidez e de uma pureza definitivas.

Por isso mesmo, tive um dia contente com sua carta. Ela é o sufrágio de um desses leitores de qualidade, que consolam de tantos outros leitores, felizes ou errados. Você me fez um grande bem. Não sei agradecer.

Meu abraço amigo.

Carlos Drummond.

#### Nota

1. Deve estar se referindo a uma carta de HL que comenta os poemas de *Confissões de Minas*, lançado por iniciativa de Álvaro Lins.

---

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 1944.

Carlos Drummond,

Vamos falar de poesia. Acabo de ler o seu poema ‘Como um presente’. Encerra um mundo, essa prodigiosa página, a mais impressionante de suas produções, possivelmente a mais bela. É, ao mesmo tempo, completa e inefável, como deve ser a beleza.

Verifico, ainda uma vez, a superioridade do gênero poético sobre os outros gêneros literários, quando permitimos uma divisão e uma classificação. Em romance algum, em nenhuma biografia se encontrará essa força concentrada, essa profundidade como que simples; essa gravidade ao brincar, esse dizer claro sem ferir delicadezas, essa humanidade vivendo em cada palavra.

Apenas o essencial, e tudo foi dito, no equilíbrio perfeito. Uns poucos traços nos dão um retrato, uma história. E também a revelação daquele segredo que ressuscita hoje, precisamente, em você, na sua poesia.

Aquela dureza de caráter deve ser a chave da sua personalidade artística. E aqui termina a minha indiscrição.

Cordialmente,

Henriqueta Lisboa.

---

## Notas

1. 'Como um presente' foi publicado em *A rosa do povo*, em 1945, pela Editora José Olympio.  
Dedicatória do exemplar de Henriqueta:

A Henriqueta Lisboa,  
poeta de minha dileção, cordialmente,  
Carlos Drummond.  
Rio, 1. 1. 46

P.S. Obrigado pela grande e pura poesia de *A face lívida*.  
CD.

2. A seguir, a transcrição do poema:

Como um presente

Teu aniversário, no escuro,  
não se comemora.

Escusa de levar-te esta gravata.  
Já não tens roupa, nem precisas.

Numa toalha no espaço, há o jantar,  
mas teu jantar é silêncio, tua fome não come.

Não mais te peço a mão enrugada  
para beijar-lhe as veias grossas.  
nem procuro nos olhos estriados  
aquela interrogação: está chegando?



---

Em verdade paraste de fazer anos.  
Não envelheces. O último retrato  
vale para sempre. És um homem cansado  
mas fiel: carteira de identidade.

Tua imobilidade é perfeita. Embora a chuva,  
o desconforto deste chão. Mas sempre amaste  
o duro, o relento, a falta. O frio sente-se  
em mim, que te visito. Em ti, a calma.

Como compraste a calma? Não a tinhas.  
Como aceitaste a noite? Madrugavas.  
Teu cavalo corta o ar, guardo uma espora  
de tua bota, um grito de teus lábios,  
sinto em mim teu corpo cheio, tua faca,  
tua pressa, teu estrondo... encadeados.

Mas teu segredo não descubro.  
Não está nos papéis  
do cofre. Nem nas casas que habitaste.  
No casarão azul  
vejo a feira de quartos sem chave, ouço teu passo  
noturno, teu pigarro, e sinto os bois  
e sinto as tropas que levavas pela Mata  
e sinto as eleições (teu desprezo) e sinto a câmara  
e passos na escada, que sobem,  
e os soldados que sobem, vermelhos,  
e armas que te vão talvez matar,  
mas que não ousam.  
Vejo, no rio, uma canoa,  
nela três homens.

---

‘Inda que mal pergunte, o Coronel sabe nadar?  
Porque esta canoa, louvado Deus, pode virar,  
e sua criação nunca mais que o senhor há de encontrar.’  
Tua mão saca do bolso uma coisa. Tua voz vai à frente.  
‘Coronel, me desculpe, não se pode caçoar?’

Vejo-te mais longe. Ficaste pequeno.  
Impossível reconhecer teu rosto, mas sei que és tu.  
Vem da névoa, das memórias, dos baús atulhados,  
da monarquia, da escravidão, da tirania familiar.  
És bem frágil e a escola te engole.  
Faria de ti talvez um farmacêutico ranzinza, um doutor  
[confuso.

Para começar: uma dúzia de bolos!  
Quem disse?  
Entraste pela porta, saíste pela janela  
- conheceu, seu mestre? – quem quiser que conte outra,  
mas tu ganhavas o mundo e nele aprenderias tua sucinta  
[gramática,  
a mão do mundo pegaria de tua mão e desenharia tua  
[letra firme,  
o livro do mundo te entraria pelos olhos e te imprimiria  
[sua completa e clara ciência,  
mas não descubro teu segredo.

É talvez um erro amarmos assim nossos parentes.  
A identidade do sangue age como cadeia,  
fora melhor rompe-la. Procurar meus parentes na Ásia  
onde o pão seja outro e não haja bens de família a  
[preservar.  
Por que ficar neste município, neste sobrenome?

---

Taras, doenças, dividas; mal se respira no sótão.  
Quisera abrir um buraco, varar o túnel, largar minha  
[terra,  
passando por baixo de seus problemas e lavouras, de  
[eterna agência de correio,  
e inaugurar novos antepassados em uma nova cidade.  
Quisera abandonar-te, negar-te, fugir-te.  
mas curioso:  
já não estás, e te sinto,  
não me falas, e te converso.  
E tanto nos entendemos, no escuro,  
no pó, no sono.

E pergunto teu segredo.  
Não respondes. Não o tinhas.  
Realmente não o tinhas, me enganavas?  
Então aquele maravilhoso poder de abrir garrafas sem  
[saca-rolha,  
de desatar nós, atravessar rios a cavalo, assistir, sem  
[chorar, morte de filho,  
expulsar assombrações apenas com teu passo duro,  
o gado que sumia e voltava, embora a peste varresse  
[as fazendas,  
o domínio total sobre irmãos, tios, primos, camaradas,  
[caixeiros, fiscais dói governo, beatas, padres  
[médicos, mendigos, loucos mansos, loucos  
[agitados, animais, coisas:  
então não era segredo?

E tu que me dizes tanto  
disso não me contas nada.

---

Perdoa a longa conversa.  
Palavras tão poucas, antes!  
É certo que me intimidavas.

Guardavas talvez o amor  
em tripla cerca de espinhos.

Já não precisas guardá-lo.  
No escuro em que fazes anos,  
no escuro,  
é permitido sorrir.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 28-10-1944.

Carlos Drummond,

Chego à última página de *Confissões de Minas* com uma impressão que vai perdurar indefinidamente, que não acabará mais. O seu livro é desses que ficam ressoando no pensamento e na sensibilidade. Desde as primeiras palavras, de tão profunda significação para a atualidade, até os pontos suspensivos de ‘Caderno de notas’ – fino e humano -, todos os capítulos de *Confissões* traduzem a lucidez, as preocupações e o sentimento de um grande espírito – que não me canso de admirar. O estilo é puro cristal. É surpreendente a limpidez com que se reflete, na prosa como na poesia, a sua originalidade essencial.

Felicito-o de coração por todas as suas vitórias, orgulhosamente mineira.

Envio-lhe, ao mesmo tempo, alguns poemas de meu livro inédito – *A face lívida*. Lira teimosa, como vê. Que se há de fazer de uma vocação que não foi inculcada, nem roubada, nem mesmo buscada, senão vivê-la com a possível serenidade?

Com os meus melhores agradecimentos, receba as expressões de minha sincera estima.

Henriqueta Lisboa.

#### Notas

1. *Confissões de Minas* tinha sido publicado neste ano de 44. Dedicatória que se encontra no exemplar da poeta:

---

A Henriqueta Lisboa,  
com a fiel e crescente admiração de  
Carlos Drummond  
Rio, 3.X.44

2. *A face lívida* foi publicado no ano seguinte, em 1945, em Belo Horizonte.
3. Não foi possível saber quais os poemas enviados a Drummond.

[Datiloscrito em papel timbrado do Ministério da Educação e Saúde Pública – Gabinete do Ministro]

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1944.

Henriqueta:

Obrigado pelas palavras de sua carta – e ainda pelos seus poemas, de uma forma e de um sentido que são dos mais perfeitos já atingidos entre nós. Fico esperando *A face lívida*. Que não demore, como poesia boa e necessária, que é.

O abraço amigo e toda a afetuosa admiração de

Carlos Drummond.

#### Nota

1. *A face lívida*, que reúne poemas escritos entre 1941 e 1945, é dedicado à Memória de Mário de Andrade, falecido em 1945.

[Manuscrito em cartão com o timbre de HL]

Belo Horizonte, 13 de maio de 1945.

Carlos Drummond,

Envio-lhe juntamente dois poemas, um dos quais – ‘Mário’ –  
não desejo publicar. Guardo-o para poucos e bons amigos.

Com a velha estima de

Henriqueta.

#### Nota

1. A cópia datilografada do poema ‘Mário’ tem a seguinte anotação manuscrita da autora:  
‘Cópia para Carlos Drummond’. Transcrição do poema:

Mário

Digo: Mário. Não responde.

Grito: Mário! Não responde.

Mário! Mas que angústia, Mário!

Não responde, não responde.

Mário não responde mais.

Nem a suspiros nem gritos.

Talvez nunca mais responda.

Nunca, nunca, nunca mais.



---

Mário respondia sempre.  
Sempre. E como respondia!  
Mas agora não responde.  
Não responde, não responde.

Mário! Todos se erguem. Mário!  
Gritam do sul e do norte.  
De Minas e de São Paulo  
com mais força gritam: Mário!

Soluça o Brasil. Impreca.  
Mário! No abraço dos ventos.  
Mário! No bater dos bronzes.  
No pranto das ondas: Mário!

Mário! Da montanha. E acesos  
fachos ardem na montanha.  
Pode ser que a noite espessa  
guarde o destino de Mário.

Que mistério nas florestas!  
E em poucos instantes entram  
verdes brenhas – Mário! Mário! –  
moços, anciãos e donzelas.

Mário! Em notas várias clamam  
vozes límpidas e roucas  
pássaros e feras pasmam  
consultando os astros: Mário?

---

Passam luas, nascem flores,  
secam-se rios e séculos.  
As gerações por seu turno  
repetindo: Mário. Mário.

Nos escampados, em coro,  
levantam bandeiras: Mário!  
Na densidão dos nevoeiros  
- Mário ... gemem como crianças.

---

13

[Datiloscrito]

Rio de Janeiro, 7 de Junho de 1945.

Henriqueta:

Seus poemas consagrados ao nosso Mário tocaram-me fundamentalmente. V. exprimiu melhor do que ninguém um sentimento de falta e de fervor constante, que é o de todos os amigos do morto inesquecível. Não imagina como me honrou a sua lembrança de enviar-me uma cópia do poema “para poucos”. Compreendo o seu culto severo e sinto que não haveria homenagem mais digna do nosso amigo.

Com a mais afetuosa admiração do

Carlos Drummond.

Rua Joaquim Nabuco, 81.

**Nota**

1. Com certeza está se referindo também aos poemas de *A face lívida* (Belo Horizonte, 1945).
2. Em *Convívio poético* (Belo Horizonte: Secretaria da Educação de Minas Gerais, 1955) há um interessante ensaio intitulado ‘Lembrança de Mário’. A autora publicou ainda ‘Mário de Andrade, o poeta’, em *Mário de Andrade* (Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965, p. 53-58).

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 5 de fevereiro de 1949.

Carlos Drummond,

Releve-me o atraso com que lhe apresento pêsames, os mais sinceros, pelo falecimento de sua Mãe. Foi com atraso que tive conhecimento da triste ocorrência, diante da qual se tornam vãs todas as palavras.

Creia na minha amizade.

Henriqueta Lisboa.

#### Notas

1. A mãe do poeta havia falecido no fim do ano anterior. Consta que, no momento em que se realizava o sepultamento em Itabira, com a presença de Drummond, era executado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, composto sobre seu poema “Viagem na família”.
2. Com a carta, Henriqueta Lisboa enviou o poema ‘Na morte’, incluído depois em *Flor da morte* (Belo Horizonte: João Calazans, 1949), que transcrevemos a seguir:

Na morte

Na morte nos encontraremos.

Sim, na morte.

Tempo de consórcio e de vínculo.

---

Depois de caminhos extremos.  
Quer pelo sul ou pelo norte.

Ao término de circunstâncias:  
passos certos ou perdidos.

Sem palavras nem sentimentos.  
Com simplicidade suprema.

Na morte nos encontraremos.  
Remoinhos de água em torno às ilhas  
suspensos na mesma quietude.

Fria resistência de rocha  
absorvida pelas espumas.

Na morte nos encontraremos.  
Na morte.  
Terra de conquista do sangue.

Braços um dia decepados  
voltando ao torso a que pertencem.

Fios cortados ao nascer  
no reajustamento dos nós.

Na morte nos encontraremos.  
Na morte, sim.  
Toque de recolher em círculo.

[Manuscrito]

Rio, 21 de fevereiro de 1949.

Henriqueta:

Agradeço-lhe a boa palavra que e mandou – e a que quis juntar um de seus mais belos e profundos poemas. Não sei (infelizmente nada sei) se a morte será esse ponto final de comunhão, que os seus versos fixaram de uma maneira alusiva tão extraordinária. Mas gostaria que fosse. E é grande o consolo que a sua poesia me dá, com essa concepção alta de um encontro de “simplicidade suprema”.

Toda a amizade e gratidão de

Carlos Drummond.

#### Nota

1. Com certeza, está se referindo ao poema ‘Na morte’, enviado na carta anterior.

---

16

[Datiloscrito]

Rio, 1º de Março 1950.

Minha boa e grande Henriqueta:

Não preciso dizer-lhe o que seu livro representa para mim. Nem saberia dizer-lhe. A linguagem poética é tão abrangente em si mesma, que traz resposta às indagações que suscita. Lendo *Flor da morte* encontrei tudo aquilo que precisava encontrar, e comunguei com V. sabe que já percorri os mesmos caminhos e ainda me detenho neles, convencido de que os outros são simples atalhos sem direção.

Seu livro me tornou mais amigo de V. Considero-o também meu, pelo muito que desejaria tê-lo escrito.

O afetuoso abraço de agradecimento e compreensão do

Carlos.

Nota

1. *Flor da morte* (Belo Horizonte: João Calazans) recebeu o prêmio Othon Bezerra de Mello, da Academia Mineira de Letras de 1950.

---

Belo Horizonte, 7 de Maio de 1950.

Prezado Carlos,

À primeira leitura de seu artigo sobre *Flor da morte*, publicado no *Minas Gerais*, percebi que somente você poderia tê-lo escrito.

Aguardei, porém o aparecimento de sua assinatura, hoje encontrada em *O Diário*, para manifestar-lhe o meu desvanecimento por essa página que ultrapassou toda a minha esperança de compreensão.

Foi uma das mais belas surpresas de minha vida.

Acho difícil dizer-lhe o que isso representa, não apenas para a minha vida literária, mas, principalmente, para o meu mundo interior – enriquecido de emoção.

Oxalá você encontre quem escreva sobre a sua poesia com a mesma profundidade e delicadeza.

São os meus votos de amizade fiel e viva admiração.

Henriqueta.

#### Notas

1. Drummond trabalhou no *Diário de Minas*, onde foi redator-chefe a partir de 1925, e também do *Diário da Tarde*, em 1930, e no *Minas Gerais*, órgão oficial do Estado, utilizando diferentes pseudônimos.



---

2. Nos arquivos do Acervo de Escritores Mineiros, foi localizado um artigo de Drummond sobre *Flor da morte*, que bem pode ser o citado na carta. Posteriormente, este texto foi publicado em *Passeios na ilha* (Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952, p. 195-199). A seguir, sua transcrição:

Um poeta conta-nos da morte

Carlos Drummond de Andrade

*Flor da morte*, de Henriqueta Lisboa, é um dos raros casos, na poesia brasileira, de um livro de versos que constitui, organicamente, um só poema. E o constitui, sem recorrer ao mero expediente formal de agenciar todos os versos numa composição de amplos limites, dividida em cantos regulares. Suas páginas abrigam aparentemente as produções mais variadas, cada uma delas com título próprio, e com estrutura diferenciada, dentro da rítmica peculiar a autora nesta sua fase. Os temas, a julgar pela maioria dos títulos, parecem ainda distintos uns dos outros; o pássaro de fogo, as jaulas, o véu, a rosa príncipe-negro, Nossa Senhora da Pedra Fria. E, contudo, uma só é a matéria do livro, como é única a sua essência, a inspiração que o ditou, o clima espiritual em que foi elaborado, única a preocupação de quem o escreveu, ou, melhor dito, de quem o viveu. O livro de Henriqueta Lisboa é uma persistente, ondulante e apaixonada meditação sobre a morte. Quase que o poderíamos chamar: tratado poético da morte.

A idéia a morte, lembra o poeta Valéry, representa a mola das leis, a mãe das religiões, o agente secreto ou terrivelmente manifesto da política, o excitante essencial da glória, e dos grandes amores, a origem de uma infinidade de pesquisas e de meditações. *Nossa vida organizada* – frisa o autor de *La Jeune Parque* – *tem necessidade das singulares propriedades da idéia de morte*. Daí a sua poderosa vitalidade.

Não o ignoram os poetas, que, desde as eras mais recuadas, até os dias presentes, outra coisa não fazem – se merecem realmente o nome de poeta – senão aproximar-se de seus obscuros domínios para interpretar-lhe o mistério. Mesmo celebrando a vida e suas manifestações mais exuberantes, não perdem de vista a fabulosa riqueza de sugestões que jaz no interior da idéia de morte, e não raro a confundem com a idéia de vida, atentos a

---

secreta identidade que afinal as reúne e converte em dupla face de uma só medalha. Soube exprimi-lo admiravelmente o nosso Machado de Assis, o falar de *uma criatura amiga e formidável*, de olhar ao mesmo tempo *acerbo e mavioso*, e que

Ama de igual amor o poluto e o impoluto:  
Começa e recomeça uma perpétua lida.  
E sorrindo obedece ao divino estatuto.  
Tu dirás que é a morte.  
Eu direi-lo que é a Vida.

Henriqueta Lisboa deteve-se a contemplar a face sombria da medalha. Uma experiência pessoal, evidentemente, está na origem de sua contemplação. Mas como, em seu pudor, soube esfumar os contornos dessa experiência, de tal sorte que todos nós, leitores, também já experimentados ou ainda não, nos sentimos igualmente solicitados a participar desse puro e doloroso ato poético que é o seu livro! Das dores individuais, mesmo quando nos despertem solidariedade, sentimo-nos afastados pela estreiteza natural dos limites do indivíduo físico. Neste poema, contudo, a dor da pessoa oculta-se sob os véus mais finos e ao mesmo tempo mais indevassáveis. Devemos isto à linguagem alusiva, depurada, rigorosa – e límpida – que é a linguagem poética da autora. Seus livros sucessivos marcam a aquisição gradativa desse precioso instrumento, que Henriqueta Lisboa maneja hoje com a severidade e, sem embargo, a doçura que os ascetas sabem bem pôr no manejo de seus cilícios.

Tome-se, por exemplo, o poema “Retorno”, em que o mais exigente cultor da arte pura não acharia ganga de reminiscência histórica, geográfica ou pessoal. Tudo aí vale artisticamente, como vocabulário, ritmo e atmosfera de poesia. Entretanto, não serei indiscreto se indicar que a autora deixou nessa página breve nada menos que a exata biografia de alguém que para sempre ficou presente à sua memória. Num registro jornalístico, os dados que aí se dissolvem em achados poéticos, recursos plásticos e magia verbal, se tornariam perceptíveis ao leitor comum, sem perda de um só.

---

Ficou dito que este livro, de alta concentração espiritual artística, poderia ser visto como um tratado da morte em termos poéticos, e não julgo incidir em pecado de exagero. Henriqueta Lisboa muito aprendeu dessas verdades subterrâneas que a morte, em sua avareza, esconde aos que simplesmente a temem, ou diante dela se abandonam ao puro desespero. Dando título ao livro, a autora nos conta como pressentiu, na madrugada, o nascimento daquela que chama de “flor da morte”. Seus ouvidos captam

...um estalo de brotos,  
de luz atingindo caules.  
Difere do rumor da chuva  
nas lisas pedras,  
Difere do suspiro do  
vento nas grades  
É como se a alma se des-  
[prendesse da matéria...

A hiper-sensibilidade que estas anotações denunciam irá servi-la no trato contínuo com os segredos de que sua poesia nos dará a chave, sem lhes expor a intimidade. Ela que descreve a postura dos mortos , como “*um ténue véu sobre o rosto*”:

Nenhuma força os protege  
Senão este véu no rosto.  
Dos vivos, nenhum sinal  
Os distingue mais que o véu  
Baixado ao longo do rosto.  
...Dos inumeráveis véus  
Que os vivos rompem ou aceitam,  
Resta para o morte, apenas,  
Um véu aderido o rosto.  
Entre a vida e a morte, um véu.

---

Segue-se a descoberta de um dos muitos mistérios: o de que, na vida, e não na morte, é que o mistério existe. Os mortos já o esgotaram. Por isso, pode-se dizer a um morto:

Agora estás poderoso  
de indiferença, de equilíbrio,  
Completo em ti mesmo, forro  
De saudações e de amarras...

A paisagem do morto, conta-nos outro poema, é sem limites. E apresenta-nos a descrição de suas águas e coxilhas, de uma realidade minuciosa e fantástica. Fala-nos na residência do morto, na ilha dos mortos, no particular silêncio da morte, na cor dos olhos da morte, que serão talvez garços. Se vê um saltimbanco desenvolver no picadeiro suas proezas geométricas, logo identifica esse brinquedo com a morte. Se encontra Ofélia deslizar pela correnteza, sabe que ela se vai eternizando, enquanto que os olhos que a contemplam, estes, sim, desaparecem para Ofélia. Sabe também, que, pela morte, voltamos aos dias da infância. Tudo são jaulas: a primeira delas é o berço, pela vida afora nos conservamos prisioneiros, e natural é o apelo: “*Vem, doce morte. Quando queiras*”. Há um supremo e desconsolado consolo nesta meditação que culmina o livro:

Na morte nos encontraremos.  
Sim, na morte.  
Tempo de consórcio e de vínculo.  
...Braços um dia decepados  
Voltando ao torso a que me pertencem.  
Fios coriados aos nascer,  
No reajustamento dos nós.

Esta grave anunciação não corrige qualquer pessimismo exagerado do poeta, que pessimismo não há na sua atitude sóbria e decorosa diante do sofrimento. Henriqueta Lisboa destila poesia, servindo-se da matéria-prima em que outros saberiam encontrar

---

apenas aniquilamento ou desespero. E por isso tal poesia é tão confortadora, na sua especial dolência: quase diria: na sua morbidez. E por disso nos comove tanto, sem recorrer a qualquer artifício sentimental. Sentimos que seus versos são a secreção de uma vida, e não apenas um devaneio caprichoso. Não haverá, em nosso acervo poético, instantes mais altos que os atingidos por esse tímido e esquivo poeta, que a seu modo, e sem qualquer repetição de atitude estética ou religiosa, se inscreve na tradição de Alphonsus de Guimaraens.

[Manuscrito]

Rio, 5 de Outubro de 1951.

Henriqueta:

A re-leitura de seus *Poemas* serviu para confirmar perante mim mesmo o grau de emoção confraternizadora que seus versos me provocam sempre. Poesia dotada de semelhante poder de contágio é das que se incorporam dos nossos bens espirituais. É coisa de quem a lê e comunga com ela, e não simplesmente de quem a concebeu. Sou-lhe grato por todo o bem que V. me tem feito. Toda a fiel e afetuosa admiração do

Carlos Drummond.  
Rua Joaquim Nabuco, 81.

#### Nota

1. Trata-se da publicação de *Poemas* (Belo Horizonte: João Calazans, 1951), que reunia os livros *Flor da morte* (1949) e *A face lívida* (1945).

[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 25 de março de 1952.

Prezado Carlos,

Agradeço-lhe comovidamente a alegria espiritual que você me proporcionou com a poesia contida em *Claro enigma*.

Digo alegria porque sua arte prodigiosa compensa a dor humana que se adivinha através das palavras.

Além de um deslumbramento feliz, sinto profunda confusão, espanto profundo diante de todas essas cousas a que você consegue dar nome e que jamais existiriam de outra forma.

Percebo, há muito, a sua genialidade poética. Porém agora, diante desse livro, em que se amplia o seu poder criador, encontro novos motivos para admirá-lo e estimá-lo.

Fraternalmente,

Henriqueta.

#### Nota

1. *Claro enigma* foi publicado em 1951, assim como *Contos de aprendiz* e *A mesa*. No mesmo ano apareceu em Madri o volume *Poemas*.

[Datiloscrito]

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1952.

Cara Henriqueta:

Vi na *Folha* as palavras que V. me enviou há anos, ao ensejo de um livro que eu então publicara. E senti, como da primeira vez, a emoção de uma fraternidade espiritual com uma das criaturas que mais alto coloco na minha estima e na minha admiração.

Obrigado, amiga Henriqueta, pelo bem que disse do poeta, mas sobretudo pela presença cordial que sinto na sua esplêndida carta.

O abraço muito amigo e fiel do seu

Carlos.

### Notas

1. Nesse ano de 1952, Drummond publicou *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.
2. O artigo de Henriqueta mencionado infelizmente não foi localizado.



[Manuscrito]

Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1952.

Henriqueta:

Diante de V., vivo sempre em “estado de agradecimento”— ora pela sua poesia, ora pela sua bondade. Agora, é pela alegria de ter visto o seu nome na mensagem que amigos generosos daí me enviaram.

Afetuosamente,

Carlos.

**Nota**

1. Carlos Drummond deve estar se referindo ao resultado de uma pesquisa do *Diário de Minas* para escolher o maior poeta mineiro, em que ele foi o escolhido. Entre os amigos, estavam Afonso Ávila e Laís Correia de Araújo, com certeza.

[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 9 de dezembro de 1952.

Carlos,

Tive a alegria de receber sua carta na manhã de hoje. Estava aborrecida comigo mesma por não lhe haver escrito ao ensejo do seu cinqüentenário. Mas sua carta, com bem poucas palavras, salvou-me dessa apreensão, mostrando-me que o essencial estava feito: nossa fraternidade é verdadeira e independe, portanto, de qualquer comunicação de data marcada.

Os trabalhos obrigatórios me desgostam de viver em sociedade: chego sempre tarde para as efusões. Porém você sabe o quanto o admiro e estimo. Deve saber que foi para mim um encantamento a oportunidade de assistir à sua consagração (como poeta e como homem) pela imprensa brasileira.

Cabe-me a vez de abraçá-lo com afeto, agradecendo-lhe toda a sua generosidade para comigo, os seus bons exemplos de honestidade no trabalho e serenidade nas provações, as suas criações poéticas prodigiosas para sempre, tudo quanto você tem feito de belo e de bom na vida – essa vida tão curta para as cousas de Deus.

Seja feliz juntamente com sua família – a esposa, a filha, o neto e a humanidade.

Henriqueta.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 23 de Janeiro de 1955.

Carlos,

Como agradecer tanta coisa bela, forte e profunda, que me oferece a sua poesia? O dom do poeta é gratuito, porém a dádiva supõe densidade. Em toda grande poesia, como a sua, há uma contribuição humana cujo valor não se calcula jamais devidamente, apesar dos melhores empenhos. Nada posso, neste sentido, senão querer-lhe bem na medida em que o admiro – sempre mais.

Sincero abraço de

Henriqueta.

#### Notas

1. No ano anterior, dois livros tinham sido publicados: *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. Dedicatória que se encontra no exemplar de Henriqueta:

A Henriqueta Lisboa,  
que vai, cada vez mais, reduzindo  
a poesia à sua essência,  
com a devoção amiga de  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio, dezembro 1954.

---

2. Em 1955, o poeta publica *Viola de bolso novamente encordoada* (Rio de Janeiro: José Olympio), que envia à amiga com a seguinte dedicatória:

A Henriqueta Lisboa,  
este pretexto para dizer-lhe uma vez mais  
quanto afetosamente a admiro.

Carlos Drummond de Andrade

Rio, 17 agosto, 1955.

[Manuscrito, em cartão de visitas, contendo as iniciais HL e o endereço residencial]

Belo Horizonte, 10 de outubro de 1956.

A Carlos Drummond, a expressão de meu comovido reconhecimento pela delicadeza dos versos contidos em ‘Balanço de agosto’, pela cópia da página poética invejável, e pelo recorte das doces palavras de Lélia.

Com afetuoso abraço,

Henriqueta.

Rua Rio de Janeiro, 1557, apto. 203, fone 2-7296. Belo Horizonte.

#### Nota

1. Lélia Coelho Frota publicou uma simpática apresentação de *Azul profundo* (Belo Horizonte: Ariel Junior, 1956), na coluna ‘Crônicas de Livros Novos’, do Jornal *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, de 15 de setembro de 1956. Também assinou um texto sobre *Convívio poético* (Belo Horizonte: Secretaria de Educação de Minas Gerais, 1956), no mesmo periódico, em 28 de setembro de 1957.

2. Os livros de Lélia Coelho Frota, que se encontram na Sala Henriqueta Lisboa, todos com carinhosas dedicatórias, são: *Quinze poemas* (Rio de Janeiro: Pongetti, 1956); *Alados Idílios* (São Paulo: Edição do autor, 1958); *Romance de Dom Beltrão* (Rio de Janeiro: Tipografia Brites, 1960); *Caprichoso desacerto* (São Paulo: Livros de Portugal, 1965); *Poesia lembrada* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1971); e *Menino deitado em alfa* (São Paulo: Quíron, 1978).

---

Encontra-se também um livro intitulado *Poesia lembrada de Lélia Coelbo Frota*, com nota de Henriqueta Lisboa e poesia de Cecília Meireles (Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971).

[Manuscrito, em cartão de visitas, com as iniciais HL e o endereço residencial]

Carlos,

José Olympio foi consultado por Oscar Mendes sobre a possibilidade de editar poemas escolhidos – meus

Se você acha que vale a pena, diga uma palavra a respeito àquele respeitável senhor. Afetuosamente obrigada,

Henriqueta. 22-10-56.

#### Notas

1. No alto do cartão, à esquerda, encontra-se a seguinte anotação de CDA: “R. postal, em 26x58, que J.O. vai editar. C.”
2. Oscar Mendes (1902-1983) escritor pernambucano, tradutor e crítico literário. Há vários artigos seus sobre a obra de Henriqueta Lisboa, nos arquivos do Acervo Mineiro, e também alguns livros, no Acervo da autora, com dedicatórias que revelam sua admiração e carinho. São eles: *Entre dois rios* (Belo Horizonte, 1970); *Poetas de Minas* (Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1970); *Vamos conversar sobre...* (São Paulo: Itatiaia, 1972); *Charles Baudelaire. O cristão solitário* (Prefeitura Municipal do Recife, s/d).
3. Dentre os artigos assinados por Oscar Mendes sobre a poesia de Henriqueta, lembro ‘Prisioneira da noite’ (*O Diário*, Belo Horizonte, 19 jun. 1941); ‘Azul profundo’ (*O Diário*, Belo Horizonte, 1956); e ‘A lírica de Henriqueta Lisboa’ (*O Diário*, Belo Horizonte, 22 jan. 1959). Também publicou *Poetas de Minas* (Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1970), uma coletânea de poetas mineiros, em que inclui o ensaio de agosto de 1956.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 5 de outubro de 1957.

Carlos,

Já não sei falar-lhe dessa admiração que se renova e se torna mais vasta a cada novo livro seu.

Limito-me agradecer-lhe, com muito afeto, o que me trouxe de humano, simples e belo, a mensagem de *Fala, amendoeira*.

Com um abraço,

Henriqueta.

#### Nota

1. *Fala, amendoeira* foi publicado em 1957, pela José Olympio (RJ).
2. A dedicatória que se encontra no exemplar de Henriqueta é a seguinte:

A Henriqueta Lisboa, o fiel leitor de sua poesia  
e seu amigo,

Carlos Drummond.

Rio, 7/1957.



[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 4 de fevereiro de 1959.

Carlos,

Recebi há três dias e quero agradecer-lhe sem demora o exemplar de *POEMAS* com *A vida passada a limpo*, novo punhado de versos em que se concentra – uma vez mais – essa profunda poesia que, de modo generoso, você vem comunicando ao Brasil ou, melhor, à língua portuguesa. Se limito ao nosso idioma o valor de sua contribuição largamente humana e, assim, universal em substância, é porque poesia não se traduz senão de forma aproximativa (não acha?), especialmente em caso como o seu, de extrema originalidade estilística.

Invejo esse poder de expressão com que você revela cousas tão obscuras, como admiro sua fidelidade à condição humana.

Voltarei a ler, muitas vezes, ‘A um bruxo, com amor’, ‘Especulações em torno da palavra homem’, etc., etc. E que maravilhoso soneto para se ter de cor (bem no coração), o que dá nome ao livro! Irmão Maior, um abraço de

Henriqueta.

#### Notas

1. *Poemas* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1959), reúne nove livros de poesia.
2. Os poemas citados são de *A vida passada a limpo*.
3. A dedicatória que se encontra no exemplar de Henriqueta Lisboa é a seguinte:

---

Para Henriqueta Lisboa, com fiel admiração,  
lembrança amiga de  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio, XII. 1959.

4. A seguir, o poema que dá título ao livro.

A vida passada a limpo

Ó esplêndida lua, debruçada  
sobre Joaquim Nabuco, 81.  
Tu não banhas apenas a fachada  
e o quarto de dormir, prenda comum.

Baixas a um vago em mim, onde nenhum  
halo humano ou divino fez pousada,  
e me penetras, lâmina de Ogum,  
e sou uma lagoa iluminada.

Tudo branco, no tempo. Que limpeza  
nos resíduos e vozes e na cor.  
que era sinistra, e agora, flor surpresa,

já não destila mágoa nem furor:  
fruto de accitação da natureza,  
essa alvura de morte lembra amor.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 21 de maio de 1959.

Carlos,

Sinto-me desvanecida de poder apresentar-lhe Anita Uxa e Lily Kraft, da diretoria das “Amigas da Cultura”, centro que tem prestado brilhantes serviços às letras e às artes em Belo Horizonte. Ambas são minhas amigas muito prezadas, desejam festejá-lo e merecem toda a sua simpatia.

Estive no Ministério em janeiro e senti não o haver encontrado.

Com Dolores, receba afetuosas lembranças de quem fielmente o estima e admira.

Henriqueta.

#### Nota

1. Henriqueta Lisboa refere-se à Sociedade Amigas da Cultura, sediada em Belo Horizonte, que reunia escritoras, artistas plásticas, compositoras e fotógrafas, como Yeda Prates Bernis, Lúcia Machado de Almeida, Esthergilda Menicucci, Olga de Campos Simões, Marina Nazareth, e a própria Henriqueta, entre outros nomes femininos de expressão.

[Manuscrito]

Rio, 7 de Julho de 1959.

Henriqueta:

A nota que lhe mando reflete apenas um pouco do bem que me fez o seu livro: encontrei nele uma grande poesia e uma pura atmosfera de alma. Todo o agradecimento e a velha amizade do

Carlos.

**Nota**

1. Trata-se da publicação de *Montanha viva: Caraça*, que mereceu, no mesmo ano de 1959, a Medalha da Academia Mineira de Letras.

[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 19 de setembro de 1959.

Prezado Carlos,

Sinto-me em dificuldade para agradecer a delicadeza com que você acolheu *Montanha Viva*, a crônica de 7 de julho, sua carta, esse transbordamento de seu estado lírico para os meus versos. Reconheço, com emoção, que raramente se encontra fraternidade igual à sua.

O meu voto para o *Correio da Manhã* ficou guardado: você não desejava ser eleito, e eu, por achar que o título de Príncipe corresponde ao de o maior poeta brasileiro, não poderia votar em outro.

Fui procurada há meses por Maria Amália Fonte Boa, autora de poemas que me surpreenderam pela espontaneidade. Para dividir minha responsabilidade de madrinha, aconselhei-a a solicitar a opinião de um grande poeta, além do mais muito humano. Tinha que ser você, Carlos, não me queira mal por isso. A moça vai escrever-lhe.

Receba, com Dolores, a expressão de minha amizade particularmente afetuosa.

Henriqueta.

#### Notas

1. Reprodução do voto de Henriqueta para Carlos Drummond, enviado junto à carta:

---

*Correio da Manhã S/A*

Fundador Edmundo Bittencourt

Avenida Gomes Freire, 471

Na sua opinião, a qual de nossos poetas cabe o título de “*Príncipe dos poetas brasileiros*”?

Voto em: Carlos Drummond de Andrade

Nome do Eleitor: Henriqueta Lisboa

Assinatura: [assinatura da autora]

Residência: Rua Rio de Janeiro, 1557

Bairro: Lourdes

Cidade: Belo Horizonte

Estado: Minas Gerais

2. Maria Amália Fonte Boa publicou *Ofício rebeldia* (Rio de Janeiro: Edições Movimento-Perspectiva, 1966), com prefácio de Henriqueta Lisboa.

3. A crônica de Drummond foi publicada em 7 de julho de 1959, na coluna ‘Imagens’, do *Jornal Correio da Manhã*. Semanas depois, a mesma crônica surgia nas páginas do *Correio Paulistano*, em 01 de agosto de 1959. A seguir, sua transcrição:

#### Imagens de montanha - Henriqueta e o Caraça

Quando um dos meninos se excedia no mau comportamento ou trazia notas miseráveis da escola, os pais ameaçavam: “Se você continuar, vai para o Caraça”. Ir para o Caraça era a perspectiva mais negra de todas; o colégio ficava perdido numa serra distante, de abordagem áspera a lombo de burro; ninguém saberia fugir de lá e escapar com vida, por falta de recursos no caminho; a disciplina era severa, e sua fama inspirava terror; para agrava-la, havia o fantasma do latim, que parecia ser a língua falada habitualmente naqueles píncaros; finalmente, o curso de seminário a que talvez nos compelissem, nos transformaria em padres, coisa que absolutamente não nos seduzia. Ir para o Caraça era o fim, na imaginação infantil do começo do século, em cidades do interior mineiro.

---

Quando, já homem, visitei o Caraça, tomei boa nota de sua paisagem alpestre, de sua excelente adega provida de vinho da casa, e de sua biblioteca veneranda; diverti-me com o futebol dos alunos da Escola Apostólica, jogado de sotaina; os padres lazaristas me trataram como hóspede distinto, pois ia como jornalista, na comitiva do ilustre e saudoso homem público que se chamou Gudesteu Pires; por momentos, senti desejo de largar tudo na planície e, passando a jornalista, ficar ali trabalhando em qualquer coisa simples e pacificadora, a exemplo daquele misterioso Irmão Lourenço, que, século e meio antes, “desenganado do mundo, buscou o centro da serra e aí fez uma capela.” Mas os automóveis esperavam juntos às palmeiras do pátio, para a volta. O sonho durou pouco; o bastante para expulsar-me do espírito a primitiva idéia do Caraça, baseada num período em que realmente lá se usou e abusou da palmatória, mas (dizem) foi só um período; caracenses de alta categoria, na política, nas letras e no clero, cultivam gratas recordações do velho ginásio, extinto em 1911 (desde então) funciona apenas o Seminário.

Recebo agora *Montanha Viva*, livro de poesia de Henriqueta Lisboa, e essas imagens se cruzam na lembrança: o Caraça infantil e abstrato, pavoroso; o Caraça visitado, ameno, acolhedor, deixando-se tocar em suas lajes e suas glórias. Um terceiro Caraça reponta destes versos, como sempre admiráveis, do grande poeta feminino; e é a alma, a essência do antigo eremitério, que eles nos traduzem em termos de contemplação e meditação:

... essas paredes impregnadas  
de belas máculas verdes;  
... o ar solitário dessas pedras  
que tantas sombras recolheram;  
... esse clima de velho estilo,  
essa nobreza na pobreza,  
... esse relógio do passado  
que marca as horas do presente...

Há vários livros sobre o Caraça, contando-lhe a história; este resume todos, na linguagem alusiva e imagística, que retira da montanha, da atmosfera e da tradição um princípio místico, manifestado em poesia. Quem for íntimo do Caraça há de maravilhar-se

---

com a sutileza das notações e referências de Henriqueta Lisboa; e quem não o conhecer, e não for bronco, há de penetrar-se de seu conteúdo espiritual por essa pintura aérea e nítida, em poucas palavras, do estabelecimento e da região onde ele se alteia.

Não faltam aos livros pequenos quadros graciosos, a sugerir o que há de prazenteiro na solidão na solidão da vida religiosa em contato com a natureza; assim, a descrição de um esquilo ficando os dentes em um coco. É deliciosa a maneira como Henriqueta narra o transporte da biblioteca para a montanha:

Os burrinhos orelhudos  
carregam livros no lombo.  
Pela esquerda, de mistura,  
Pendem dois grossos Camões.  
Do outro lado se penduram  
Infólios de São Jerônimo.  
... sobem os mestres do estilo  
volumosos e triunfantes.  
... Entre a natureza e a glória  
os liames fortes da graça.  
Rompendo os cascos na rocha  
Ai! Que os burrinhos já falam.”

Mas o traço maior do livro, a iluminá-lo todo, é essa “contínua experiência do recato”, que reúne a vida e a poesia de Henriqueta, e que lhe permite pintar o Caraça com a naturalidade de quem habita igualmente os cumes da vida interior.



[Manuscrito]

Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1959.

Henriqueta:

Eu não conseguira achar um sentido para aquele concurso do jornal. Mas agora reconciliei-me com a iniciativa, porque ela propiciou o gesto de extrema delicadeza que você teve para comigo – depois de tantas outras provas da generosidade do seu espírito.

Num abraço, toda a gratidão afetuosa do

Carlos.

**Nota**

1. Drummond comenta a cópia do voto de Henriqueta ao *Correio da Manhã*, que ela havia anexado à carta de 19 de setembro de 1959.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 24 de junho de 1961.

Prezadíssimo Carlos,

Deverá chegar-lhe às mãos, em breve, um exemplar da *Antologia poética para a infância e juventude* que organizei para o Instituto Nacional do Livro e na qual se incluem poemas seus.

Espero que receba com simpatia esta notícia e me perdoe não o haver previamente consultado.

Com admiração e estima,

Henriqueta.

Rua Rio de Janeiro, 1557. apto.203.

#### Notas

1. Encontra-se escrito à mão, no alto, à esquerda o seguinte: 'R. 5-7-61. C.', que significa: 'Respondido em 5 de julho de 1961, Carlos'.
2. *Antologia poética para a infância e a juventude* foi publicado pelo Instituto do Livro e pelo MEC, em 1961. Foi depois ampliado e reeditado pela Edições de Ouro, em 1966.
3. Anos mais tarde, em 1979, Henriqueta Lisboa recebeu o Diploma de Membro Fundador da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, e também o Título de Personalidade do Ano Internacional da Criança, conferido pela União Brasileira de Escritores, em reconhecimento por seu trabalho dedicado aos jovens leitores.

[Manuscrito]

Minha boa Henriqueta:

Sua palavra amiga, por ocasião do falecimento de meu irmão, foi um conforto para mim. Agradeço-a de coração.

Você só poderia louvar-me, incluindo versos meus na sua antologia para a infância e juventude. Merecer sua escolha já é prêmio.

Cordialmente,

Carlos.

Rio, 5.VII.1961.

**Nota**

1. O irmão de Drummond que havia falecido era Altivo.

---

[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 22 de julho de 1962.

Prezado Carlos,

Cada vez mais estranha e original é a sua poesia. *Lição de coisas* faz meditar, imaginar e sentir, como todos os seus poemas, com a extraordinária força comunicativa que o distingue. Mas agora a sua expressão repercute de modo misterioso e sombrio, não sei se pela espécie de intuição radical que o tem inspirado, não sei se pelo tratamento heróico que você está infligindo à linguagem. Devo-lhe, de novo, grandes momentos de fruição artística, desses que indefinidamente se prolongam. Ao agradecer-lhe a fineza da oferta e ao reafirmar-lhe toda a minha admiração, felicito-o cordialmente pela perfeita beleza gráfica do livro.

Aproveito o ensejo para confessar-me orgulhosa e obrigada pelas palavras que você escreveu a meu respeito para Blanca Lobo Filho. Recebi recentemente a tese desta senhora, ainda mimeografada, mas já aprovada pela Universidade de Colúmbia.

Solicitada pela editora Livros de Portugal, pretendo confiar a esta empresa os originais de meu novo livro *Além da imagem* para a coleção 'Poesia Sempre'. Espero que isso não venha a criar dificuldade para que oportunamente se realize meu desejo de ver editado por José Olympio o volume de *Nova lírica*, ou seja, a minha *Lírica* aumentada de dois livros. Oxalá possamos conversar sobre isso algum dia.

Lembre-me afetuosamente a Dolores e receba os protestos de minha mais sincera estima.

Henriqueta.

---

## Notas

1. *Lição de coisas* foi publicado em 1962, assim como *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*.
2. A dedicatória do exemplar de *Lição de coisas*, nos seguintes termos:

A Henriqueta Lisboa, sempre presente,  
a velha amizade,  
a fiel admiração do  
Carlos Drummond,  
Rio, VI, 62.

3. Neste ano, o poeta mudou-se para a Rua Conselheiro Lafayette, 60, apto. 701.
4. *Além da imagem* foi editado no Rio de Janeiro, por Livros de Portugal, em 1963.
5. *Nova lírica* apenas foi publicado em 1971 (Belo Horizonte: Imprensa Oficial).
6. Blanca Lobo Filho (1907 - ?) publicou importantes estudos sobre a poesia de Henriqueta Lisboa em 1966, como *A poesia de Emily Dickinson e de Henriqueta Lisboa* (Trad. Oscar Mendes. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973); *Interpretação da lírica de Henriqueta Lisboa*. (Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965); *A poesia de Henriqueta Lisboa* (Trad. Oscar Mendes. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966); *Henriqueta Lisboa – O menino poeta* (Books Abroad, Norman. April 1976); *The poetry of Emily Dickinson and Henriqueta Lisboa* (Norwood Editions, 1978); e *Casa de pedra* (World Literature Today, Norman, Spring 1980).
7. No Jornal *O Diário*, de Belo Horizonte, foi publicada em 25 de julho de 1958, a seguinte notícia a respeito de Blanca Lobo Filho.

### Livro faz paralelo entre Emily Dickson e Henriqueta Lisboa

Acha-se, mais uma vez, em Belo Horizonte, a escritora Blanca Lobo-Filho, nascida na Áustria, naturalizada brasileira e residente na América do Norte, onde leciona Português e Literatura Brasileira, na cidade de Portland.

Blanca Lobo-Filho é das maiores propagandistas das coisas do Brasil nos Estados Unidos. Acha-se ela, agora, empenhada num programa de intercâmbio universitário entre o nosso país e os Estados Unidos. Dois universitários daqui estão ultimando seus

---

papéis para irem para o Estado de Oregon, enquanto outros dois de lá virão para Belo Horizonte.

Blanca Lobo-Filho é especialista na poética de Henriqueta Lisboa, a grande voz lírica de Minas. Sobre ela escreveu sua tese de doutorado, sendo que mais tarde publicou um excelente livro de exegese da poesia de Henriqueta Lisboa. Agora, está ela ultimando mais um livro, de máxima importância para as letras brasileiras. Neste livro faz ela um paralelo entre a obra poética de nossa conterrânea e a da maior poetisa dos Estados Unidos, Emily Dickson. Há notáveis pontos de contato entre as duas expressões poéticas, notadamente na maneira de encarar a morte. O livro será traduzido por Oscar Mendes e deverá sair em edição bilingüe.

Blanca Lobo-Filho regressa amanhã, após manter contatos com os meios universitários e com escritores mineiros.

---

[Datiloscrito]

Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1966.

Henriqueta:

Você nos proporcionou a todos uma nobre emoção, ao comentar e traduzir Dante da maneira como o fez. Que arte segura, sensível às mais sutis criações do pensamento poético original, e engenhosa no achar-lhes peregrina correspondência vernácula! É de deixar a gente morrendo de inveja, uma feliz e santa inveja, que traduz o máximo de admiração.

Mas provoca também um sentimento de queixa: pois quem se mostra capaz de transpor de forma tão digna a poesia de Dante não pode limitar-se à versão de algumas páginas do *Purgatório* e de um soneto da *Vita nuova*. Fica-se com direito de reclamar de você o esforço pleno, para orgulho de nossas letras e resgate de uma dívida desta parte da latinidade. A íntegra da *Divina comédia* continua esperando um tradutor literário que seja um verdadeiro poeta. Eu tinha esperança de que o Dante Milano, por força do nome, do sangue e do talento criador, fizesse esse trabalho.

Não fez. Agora sinto que é você o poeta chamado para a imensa tarefa. Você, de ombros frágeis e delicados, mas tão forte!

O abraço agradecido, muito afetuoso, do

Carlos.

#### Nota

1. *Cantos de Dante* (São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1970) ganhou o Prêmio Prezenza d'Italia in Brasile.

---

[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 20 de Junho de 1966.

Prezado Carlos,

O seu livro chegou nos primeiros dias do inverno. Eu estava com uma gripe miúda mas implacável – que até hoje me persegue. Instalada na minha cadeira de balanço, fui lendo a que você me enviou. Além do suave devaneio, tive o conforto de conhecer, devagar e detidamente, o balanço de um grande coração. Como pode ele transitar tranqüilamente, para lá, para cá, entre o viver quotidiano e as cousas inefáveis! Você, não apenas como poeta mas como pessoa humana, (serão separáveis tais entidades?) está todo presente nessas crônicas tão sensíveis, tão finas, tão ricas de imaginação. “Espera uma carta”, que maravilhoso poema!

Muito obrigada pela sua lembrança, pela sua dedicatória e, ainda mais, pela sua dedicação integral à poesia, nossa verdade.

Lembre-me afetuosamente a Dolores. E receba a grande e carinhosa admiração de

Henriqueta.

#### Notas

1. *Cadeira de balanço* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1966). Em toda a carta, a escritora brinca com as sugestões que o título do livro lhe provocaram, como conforto e o balanço, para lá e para cá, entre outros.



---

2. Em 1963, Drummond iniciou um programa na Rádio Ministério da Educação chamado 'Cadeira de balanço'. Também colaborou do programa 'Vozes da Cidade', no mesmo ano, instituído por Murilo Miranda, na Rádio Roquette Pinto.

2. A dedicatória que se encontra no exemplar de Henriqueta é a seguinte:

A Henriqueta Lisboa, sempre admirável na sua poesia  
e na sua discrição,  
este móvel mineiro de seu amigo  
Carlos Drummond.  
Rio, Maio, 1966.

[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 28 de Setembro de 1967.

Prezado Carlos,

*Versíprosa*

aqui está sobre a minha mesa  
- pelo que me sinto vaidosa - .  
Desse livro, grata surpresa  
se renova nas entrelinhas  
além das diabruras do texto;  
pois, amostra de boas vinhas

a desafiar qualquer pretexto  
para ser ácida ou ser doce,  
é por essência saborosa  
dentro do cálice que a trouxe.  
*Assim festejo Versíprosa*  
bebendo à saúde do Autor  
- para não quebrar a etiqueta –  
um golezinho que é penhor  
de grande amizade.

Henriqueta.

**Notas**

1. *Versíprosa* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1967) recebeu o seguinte subtítulo: “Crônica da vida cotidiana e de algumas miragens”. No mesmo ano, Carlos Drummond publicou *José e outros* e *Uma pedra no meio do caminho, Minas Gerais*.

---

2. A partir da sugestão do título do livro que estava agradecendo, Henriqueta deu uma forma de poema à sua carta, transformando a prosa, em verso.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 24 de dezembro de 1967.

Carlos,

Sinto-me feliz de haver contribuído com uma parcelazinha modesta, para este seu esplêndido trabalho antológico sobre nossa terra e alma.

Com gratidão mineira, muito afeto e bons votos,

Henriqueta.

#### Nota

1. Não foi possível identificar a contribuição que Henriqueta se refere. Entre 1967 e 1969, Carlos Drummond de Andrade publicou diversos livros, como *Versíprosa, José e outros* e *Uma pedra no meio do caminho – Biografia de um poema* (1967); *Boitempo & A falta que ama* (1968); e *Reunião* (1969).

---

[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 21 de janeiro de 1969.

Carlos,

Ler o *Boitempo*, reler alguns poemas já encontrados, ter o livro com dedicatória especial de seu grande autor, isso é alegria verdadeira para uma pessoa que tanto ama a poesia. A solidão da pessoa que tanto ama a poesia se povoa de lindas cousas estranhas, algumas de repente amargas, outras cristalizadas em sorriso. O livro fala da infância, e parece que a vida é apenas o prolongamento da infância. *A falta que ama* tem mistérios que de certo modo se decifram sem que se esgote o interesse. A poesia vive – graças a Deus – e graças a poetas que sabem vivê-la, como você, meu caro e admirado amigo Drummond!

Grata e afetuosamente,

Henriqueta.

Rua Pernambuco, 1338 – apartamento 403.

#### Notas

1. *Boitempo* e *A falta que ama*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
2. Dedicatória do exemplar de Henriqueta:

A Henriqueta Poeta,  
e à sua alta, depurada poesia,  
afetuosa homenagem de seu amigo  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio, XII, 1968.

[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 22 de junho de 1969.

Prezado Carlos,

É sempre com alegria que recebo um livro seu. Desta vez: *REUNILÃO*. Mesmo que já conheça os poemas, gosto de relê-los em novas disposições tipográficas. Há sempre, neles, alguma revelação que nos havia escapado. Além disso, verificar que você tem garantida, cada vez mais e melhor, a consagração que merece, é um conforto para os que amam verdadeiramente a poesia. Como esta sua muito grata e afetuosa admiradora,

Henriqueta.

#### Notas

1. *Reunião* (10 livros de poesia). Introdução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
2. Dedicatória que se encontra no exemplar de Henriqueta:

A Henriqueta Lisboa,  
esta reunião de antiga poesia  
e de sempre nova admiração,  
afetuosamente, seu amigo  
Carlos.

---

[Manuscrito]

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1970.

Cara Henriqueta:

Sendo o Purgatório estação de passagem, o poeta que se aventura até ele tem como destino natural o paraíso. Assim, você está nos devendo, com a dos demais ‘Cantos do Purgatório’ a tradução dos ‘Cantos Celestiais’ da *Divina Comédia*. Isso para não falar na dos ‘Cantos do Inferno’, para que a trilogia se mostre completa. Questão de harmonia e equilíbrio. Com muito agrado notei, de saída, que o leve ensaio de tradução de *O meu Dante* ganhou proporções bem amplas no volume publicado há pouco: onze cantos exemplarmente “vividoss” em português, que beleza! E o verso inaugural do Canto I, que já era bom, ficou ótimo com a modificação feita. Mais uma vez me curvo ante o seu verso poético infalível e agudíssimo.

O fato de eu reclamar novamente a tradução completa justifica-se plenamente. De um poeta como você a gente está sempre esperando o máximo. Não lhe faltam condições para a obra, e não vejo outro que a possa executar, entre nós. Além do mais, *l'appetit vient en mangeant...*

Este agradecimento pela remessa do livro segue com atraso indesculpável, a menos que sua grande benevolência me absolva mesmo sem razões. Perco-me em pequenas tarefas, e muitas vezes me vejo em falta para com os amigos a quem mais prezo – e este é o caso.

O abraço afetuoso e a devota admiração do

Carlos.

---

## Notas

1. *Cantos de Dante*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, 1969. A história desta tradução tem origem em 1965, por ocasião das comemorações do 7º Centenário de Nascimento de Dante, no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo. Henriqueta Lisboa, convidada para a conferência de abertura, fez um relato comovido de seus primeiros contatos, ainda menina, com a obra de Dante, e confessou sua insatisfação com as traduções existentes, até o feliz encontro da tradução de um Canto do ‘Inferno’, assinada por Machado de Assis. Foi então que resolveu iniciar a tradução dos trinta e três cantos do ‘Purgatório’.

2. Drummond compara a primeira versão da tradução da autora que ele havia conhecido, com esta finalmente publicada.



[Datiloscrito]

Belo Horizonte, 13 de julho de 1970.

Prezado Carlos,

Não se recuse a receber os meus agradecimentos – embora atrasados muito sinceros –, pela oferta de seu último livro. Andei meio confusa, viajei, fiz conferências, terminei alguns trabalhos e, finalmente, estive às voltas com documentos, desta vez para viagem ao exterior. Sem grande entusiasmo, digo-o baixinho, para não parecer ingrata.

Em verdade, os *Caminhos de João Brandão*, além de mais cómodos, me inspiram particular devoção. Depois de percorrê-los, estou pronta a recomençar o passeio... São tão humanos, meu Deus, tão vivos, tão nossos e de todo mundo!

Um abraço para Dolores, outro para você, com afeição e estima.

Henriqueta.

#### Notas

1. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
2. Dedicatória do exemplar de Henriqueta:

Para Henriqueta Lisboa,  
esta lembrança frívola mas afetuosa  
do Carlos.  
Rio, março, 1970.

[Manuscrito]

Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1971.

Henriqueta:

Sem pedir licença, usamos o seu poema sobre os burrinhos do Caraça. Mas ele é tão bonito que a gente o considera um bem de todos. Abraços do

Carlos.

#### Nota

1. O poeta refere-se ao poema 'Os burrinhos', publicado no livro *Montanha viva: Caraça*, de Henriqueta (1959). A seguir, sua transcrição:

#### Os burrinhos

Os burrinhos orelhudos  
carregam livros no lombo.  
Pela esquerda, de mistura,  
pendem dois grossos Camões.  
Do outro lado se penduram  
infólios de São Jerônimo.  
Os burrinhos orelhudos  
irmãos do asno de Balaam.

---

Á conta dos pobres bichos  
por desfiladeiros hiantes  
sobem Homero e Vergílio  
para altíssimas estantes.  
Sobem os mestres do estilo  
volumosos e triunfantes.  
Dariam queixa os burrinhos  
se o anjo tivessem por diante.

Custam prata, custam ouro,  
livros com armas de Antuérpia,  
de Roma, de Varatojo.  
De Elzevir a águia com as flechas,  
de Grifo o excelso condor,  
pesa que os burrinhos levem  
sem a experiência do vôo.

Entre a natureza e a glória  
os liames fortes da graça.  
rompendo os cascos na rocha  
ai! Que os burrinhos já falam.

[Cartão manuscrito]

Belo Horizonte, 10 de fevereiro de 1971.

Prezado Carlos,

Fiquei muito contente com o seu cartão e com a transcrição do meu poema no jornalzinho mais simpático do mundo.

Afetuosamente obrigada,

Henriqueta.

#### Notas

1. Henriqueta acrescentou ao final seu novo endereço: Rua Pernambuco, 1338, apto. 403.
2. À esquerda e no alto do cartão encontra-se o seguinte: 'R. 12-IV-71.C', que deve significar: 'Respondido em 12 de maio de 1971, Carlos'.

[Manuscrito]

Rio de Janeiro, 12 de Abril de 1971.

Cara Henriqueta:

Eu já lera no *Estado* seu admirável ‘Quarteto de Nostalgitália’ e sentira a emoção profunda de visitar em verso as quatro cidades. Agora, com a cópia que me manda, a emoção se renova: estou voltando a lugares inesquecíveis, na companhia afetuosa de você. O abraço amigo e a sempre admiração de

Carlos.

#### Notas

1. No ano de 1971, Henriqueta Lisboa recebeu o Prêmio Brasília de Literatura pelo conjunto da obra, conferido pela Fundação Cultural do Distrito Federal.
2. O poema ‘Quarteto de Nostalgitália’ faz parte do livro *Miradouro* (1968-1974), e encontra-se em *Obras completas*, à página 498. A seguir, o poema citado:

Quarteto nostalgitália

I / Roma

Paredes grossas paredes

levantadas de orgulho.

Ouro velho

---

madeira rosa  
pedra cálida.  
O casario grávido  
de tesouros  
ainda e sempre  
à espera.  
E no profundo estofo  
ao abrigo do tempo  
a flama virgem.  
O passado não conta: está presente  
em dóceis curvas de voluta  
em dobras de panejamento  
em ecos de colunata  
na radiosa nudez  
de corpos sobre pedestais.  
Os sussurros do Tibre  
para as sete colinas  
falam de guardiães invisíveis.  
Áugures e vestais caminham  
no antigo passo rítmico  
pelas ruas. O vento  
de outros séculos se ouve  
as ruínas afluando. No alto  
pairam as águias da vigília.  
Na água em estilhas sobre as salvas  
perpassa o frêmito da origem.  
Canta de bronze a voz do sangue.  
Carmina rústica.  
Eterno agora.  
Tudo previsto e tanto impacto  
nesta noite igual a si mesma:  
um rapto rútilo de beijos.

---

Peso e transcendência de mármore  
na própria carne transitória.

II / Florença

Os anjos da invisível balança  
encontram repouso.  
Florença guarda nos seus imos  
a força estática.  
Nobreza de ponta a ponta  
pedal de tônica.  
Volume e espaço em andamento  
de música, em tessitura  
de claridade que apascenta  
claridade maior.  
Módulo coloquial  
granito bronze opala  
em que se afinam e ajustam  
violoncelos ardentes  
e lonjura de flautas.  
Enquanto o sereno plectro  
leva aos cimos o mais leve.  
Assim aos poucos  
o pormenor se desvanece  
evaporam-se os ângulos e as curvas  
aligeiram-se as argamassas  
de palácios e templos  
arredam-se pilastras e pórticos  
anuviam-se capitéis e domos  
uma fímbria de seda  
vela o tom dos retábulos  
das estátuas nos plintos

---

transparece o desenho.  
Ei-lo que surge – reversível –  
de um primitivo impulso  
pela entressonhada beleza  
(Brunelleschi)  
de um contemplar primeiro  
a imagem nascitura  
(Ghiberti)  
de uma primeva aurora  
antes da forma antes do azul  
(Michelangelo)  
- o puro espírito criador.

### III / Veneza

O trampolim. O arco florido.  
O salto a medo. O sol nas águas.  
E esse embalo de gôndola  
que não deixa fixar  
o espetáculo em bloco.  
Baila o oblíquo mosaico  
em voluteio de topázios.  
Ao léu das ondas franja leve  
as muralhas ducais.  
Nenhum apoio contra o tempo.  
As resinas do álamo negro  
escorrem dos altiplanos.  
Onde os carvalhos e os lariços  
de milenar sustentação  
para o peso do mármore?  
Ao vento que vem do deserto  
Veneza oscila o circo em cores



---

o corpo encanece e adolesce  
de angústia e rubor em réstias  
escarlate e marfim.  
É cedo e é tarde para o amor.  
Ao envolvimento das algas  
vai soçobrar no alagadiço  
de comércios e de ócios  
o cofre-forte do tesouro.  
Nada fica. Nada se leva.  
Tudo é chegada e partida.  
Tudo se esfolha à superfície  
para restar em nostalgia.  
Então de transparência fluida  
a estremecer alabastros  
sobe um canto de cisne.  
Pelo fascínio de si mesma  
- a sereia e seu próprio canto –  
já Veneza está salva  
na alegria das setes dores  
nas arcarias de mãos postas  
na altaneria dos frontões  
nas escadarias de ouro  
nas mesmas veias abertas  
de doce vinho maduro.  
Ah! que Veneza é cerne humano  
a construir pontes e suspiros  
para que as almas se reencontrem.

#### IV / Trieste

A Filha da Itália acorda  
em verdes bosques. E adormece

---

em águas de azul espelho.  
A fruta mais tenra da horta  
de doçura que só em Trieste  
aguarda a mão que a vai colher.

Espreita alguém em Miramare  
através dos cristais da aurora  
à orla de um pálido augúrio:  
Sob a lua de mel e nácar  
quanto tempo a nave demora  
que vai do amor para a loucura?

O trigo de ouro irrompe em junho  
numa revoada de conjunto  
madeixas ao sol e ao vento.  
Da solidão posta em vigília  
sob a neve meses a fio  
não há memória que se lembre.

Rios pavoneiam as caudas  
entre eucaliptos esgalgos  
e gordos tufos de macieira.  
Entanto um pé de oleandro se inclina  
a ver se surpreende o sigilo  
Do pequenino Rio Zero.

Junto às ilhargas da colina  
pedras têm nome de batismo  
escrito a sangue ainda cálido.  
Cada vez que as sílabas tremem  
de recolher alguma lágrima  
nasce uma flor para o diadema.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, Outubro de 1972.

Carlos,

O poema que lhe ofereço vai ser publicado brevemente. Receba-o desde já, com o meu abraço afetuoso.

Henriqueta.

#### Notas

1. Trata-se de 'Saudações a Drummond', que Henriqueta escreveu pelos setenta anos do poeta, que, aliás, mereceu inúmeras homenagens nesse mês de outubro. O *Jornal do Brasil*, o *Estado de São Paulo*, o *Estado de Minas* e o *Correio do Povo*, por exemplo, publicaram importantes suplementos comemorativos.
2. A seguir, a transcrição do poema:

Saudação a Drummond

Eu te saúdo Irmão Maior  
pelo que tens sido e serás  
dentro do tempo espaço afora  
e além da vida: luminar  
homem simples da terra  
aprisionado no íntimo  
para libertador de pássaros  
e agenciador de símbolos.

---

Pela pedra no caminho  
que foi ato de bravura  
e foi cabo de tormentas.  
Pelo brejo das almas  
em verde com margaridas.  
Pelo sentimento do mundo  
com que orvalhas o linho  
da comunhão geral.  
Pelas fazendas do ar  
em que brindas cultivos  
de transcendentais dimensões.  
Pelos claros enigmas  
que decifras e que armas  
em desdobrados ciclos.  
Pela vida passada a limpo  
em lâminas de cristal.  
Pela rosa do povo  
com que humanizas o asfalto.  
Pela lição de coisas  
que nos ensinas a aprender.  
Pelo boitempo este sabor  
de renascimento da infância.  
Em nome de Mário de Andrade  
- até as amendoeiras falam -  
em nome de Manuel Bandeira  
em nome de Emílio Moura  
presentes embora silentes  
no alto da Casa em outros  
mais cômodos aposentos  
de onde nos contemplam líricos  
a nós abaixo do vestíbulo.  
Saúdo-te mineiro Carlos

---

de olhos azuis como os da criança  
guardada sempre mais a fundo  
em candidez e malícia  
ao largo de setenta outubros  
vincados de diamante e ferro  
sem nostalgia de crepúsculo.  
Saúdo-te com sete rosas  
em botão as mais puras  
colhidas de madrugada  
antes do sol em suas pétalas  
por teu sétimo aniversário  
outrora  
de menino poeta.

[Manuscrito, em cartão com o nome de CDA]

Rio de Janeiro, 8 de Novembro de 1972.

Minha querida e grande Henriqueta:

Entre mineiros, a ternura é sempre velada - para fugir à expressão incompleta ou imprópria - a que se concentra em seu poema de saudação pelo meu aniversário encontrou a mais pura e sutil maneira de exteriorizar-se, conservando-se íntima e resguardada de toda ganga vocabular.

Não sei dizer do bem que você me fez da santa felicidade que me trouxe nesse admirável presente dos 70 anos. Foi bom demais, Henriqueta.

Beijo suas mãos com humildade de companheiro, e também com doçura de irmão

Carlos.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 16 de Setembro de 1973.

Prezado Carlos,

Aqui está o *Menino antigo* para meu encantamento e renovada emoção. Em verdade, o menino é o pai do homem. Deus abençoe os dois – o poema e o poeta. Com agradecimentos muito afetuosos,

Henriqueta.

#### Notas

1. *Menino antigo*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.
2. Dedicatória que se encontra no exemplar de Henriqueta:

Querida Henriqueta:

Acabo de receber *O alvo humano*,  
altura máxima e fascinante de sua poesia.

De todo o coração, obrigado!

Carlos

Rio, Setembro 1973

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 5 de Janeiro de 1974.

Prezado Carlos,

Com alegria recebo mais um livro seu: *As impurezas do branco*.  
Poemas admiráveis, impressionantes e queridos.

Grata, com votos felizes e estima constante.

Henriqueta.

#### Notas

1. *Impurezas do branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
2. Dedicatória do exemplar de Henriqueta:

Para Henriqueta do meu afeto e da minha admiração,  
lembrança do  
Carlos

Rio, Março, 1973.



[Manuscrito, papel timbrado com o nome de CDA]

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1974.

Cara Henriqueta:

Porque gosto muito de sua poesia, foi para mim um acontecimento feliz vê-la transposta para o inglês, o que certamente a tornará amada por novos leitores, uma irradiação natural do seu poder encantatório. Feliz idéia, a de Hécio Veiga Costa, e que os *Chosen Poems* levem a muita gente essa mensagem sutil de um extraordinário verbo poético!

Afetuosamente, a grata admiração do

Carlos.

#### Notas

1. *Poemas escolhidos / Chosen poems*. Trad. Hécio Veiga Costa. Belo Horizonte: Eddal, 1974.
2. Carlos Drummond recebeu nesse ano o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, Março de 1975.

Carlos,

Li todo o seu último livro com o encantamento de sempre. Algumas notícias e não notícias eu já conhecia. Mas o prazer desse reencontro foi tão vivo quanto o das revelações – em graça leve e ressonância profunda.

Muito obrigada,

Henriqueta.

### Notas

1. Refere-se a *Amor, amores* (Com desenhos de Carlos Leão. Rio de Janeiro: Alumbamento, 1975), cuja tiragem teve apenas 423 exemplares. Com este livro, o poeta recebeu o Prêmio Nacional Walmap de Literatura, e recusa, ‘por motivo de consciência’, o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do DF.
2. Outros livros de Drummond com dedicatórias que se encontram na biblioteca do Acervo de Escritores Mineiros:

*Corpo. Novos poemas* (Rio de Janeiro: Record, 1974)

A Henriqueta Lisboa,  
que nos dá a imagem da  
poesia perfeita,  
o abraço amigo de sempre do  
Carlos  
Rio, setembro, 1984.

---

*Amar se aprende amando* (Rio de Janeiro: Record, 1985)

Á querida amiga Henriqueta,  
o abraço carinhoso do  
Carlos,  
Rio, maio, 1985.

[Manuscrito em papel timbrado com o nome de CDA em caixa alta]

Rio, 4 de dezembro de 1975.

Caríssima Henriqueta:

Recebo com alegria a nova edição de *O menino poeta*, livro encantador, da mais terna e alivante poesia, capaz de tocar perto os corações meninos quanto a gente vivida e sofrida. Pela criação admirável, que Alaíde sabe explicar tão bem, o abraço agradecido e a constante admiração do seu amigo

Carlos.

#### Notas

1. *Menino poeta*. 2 ed. especial e ampliada. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, 1975.
2. Alaíde Lisboa, irmã de Henriqueta e também conhecida escritora mineira, assina uma introdução metodológica aos poemas. Esta edição contém ainda um estudo de Gabriela Mistral sobre a poesia infantil de Henriqueta Lisboa.
3. No ano de 1975, a escritora recebeu o Diploma do Ano Internacional da Mulher, conferido pelo Governo do Estado de Minas Gerais.

---

[Manuscrito]

Rio, 8 de agosto de 1976.

Querida Henriqueta:

Mais uma vez, capto em *Reverberações* aquela essência de poesia que é uma marca registrada de seus livros: a palavra usada de tal modo que, além de sua missão representativa de um conceito ou sentimento, nos conduz ao interior de um estado de fruição belo em si. Não sei se consigo explicar-me. Mas os seus poemas valem para mim por uma [sorte ou fonte] de magia, independente do que possam significar ou exprimir. São o poema somado a alguma coisa inefável.

Saio da leitura desse breve e encantador volume com uma gratidão maior por você, por tudo que a tua poesia nos tem feito descobrir, ver, aprofundar o seu mundo, a atmosfera particular onde ela se desenvolve e cria uma rede tão sutil de associações entre as coisas e as palavras.

O abraço de fiel e renovada admiração do seu amigo

Carlos.

#### Notas

1. *Reverberações*. Belo Horizonte: São Vicente, 1976.
2. Em 1976, Henriqueta recebeu o Prêmio Poesia 76, conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 18 abril 1977.

Carlos,

Minha avó costumava acordar a netinha tocando-lhe o rosto com uma folha de malva. Você agora me saúda – irmão – com a mesma delicadeza de antigamente.

Comovida e obrigada

Henriqueta.

[Manuscrito em cartão timbrado com o nome de CDA]

Rio, 11 dezembro de 1977.

Caríssima Henriqueta:

Tenho aqui, lidas, relidas, incorporadas ao meu ser, os poemas de *Celebração dos elementos*. A que altura (e a que profundidade) você atingiu nestes versos de uma linha pura e nobre.

Toda a admiração e toda a amizade fiel do

Carlos.

#### Nota

1. *Celebrações dos elementos – água ar fogo terra*. Belo Horizonte: [s/ed], 1977.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 12 de outubro de 1978.

Carlos,

Com muita alegria recebi dois livros seus: *Discurso da primavera e algumas sombras*, mais *O marginal Clorindo gato*. Vou de um para outro, encantada, lendo ou relendo, por exemplo – o poema do Caraça, onde vaidosamente encontro (reencontro) o meu nome. Como você dignifica o ofício de Poeta!

Grata pelo exemplo, pela mensagem e pela lembrança.  
Com admiração e afeto,

Henriqueta.

#### Notas

1. O exemplar que Henriqueta recebeu de *Discurso de primavera e algumas sombras* (2 ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1978) tem a seguinte dedicatória:

Para Henriqueta Lisboa,  
com estes versos de circunstância,  
a perene admiração do seu amigo,

Carlos

Rio, IX, 1978.



---

2. E *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1978), que reúne uma seleção de contos extraídos dos livros de crônicas, está assim dedicado:

A Henriqueta, cuja poesia ilumina a gente,  
e cuja amizade me honra,  
o abraço afetuoso do  
Carlos  
Rio, IX, 1978.

3. O poema, a que Henriqueta se refere, encontra-se em *Discurso de primavera e algumas sombras*, e intitula-se 'Ataíde à venda?'

Ataíde à venda?

- Quanto quer pelo Ataíde?  
fala ao padre lazarista  
o emissário paulista  
de olhar guloso na 'Ceia'  
que na aguda serrania  
ilumina qual candeia  
as ruínas do Caraça.  
Dou duzentos, dou quinhentos,  
oitocentos mil cruzeiros  
por esse quadro... – Não, não!  
- Já que estou com a mão na massa,  
reforço meus *argumentos*,  
ofereço-lhe um milhão.  
Pintura aqui nesses altos,  
na friúra desolada  
destas rocas, destes longes,  
não tem sentido nem vez.  
Só peregrinos e monges

---

podem *curti-la*. Melhor  
é leva-la quanto antes  
para o conforto envolvente  
do Palácio Bandeirantes.  
- Já disse: não. – Ah, desculpe,  
prefere que se desfaça  
a obra de Mestre Manuel  
no desgaste que lhe inflige  
o dente roaz do Tempo  
em sua faina cruel?  
Quer ver Cristo desbotado,  
carcomido, atomizado,  
mancha pálida no pano?  
Seus bem-amados discípulos,  
sua mesa, seu pão ázimo,  
sua colação simbólica,  
sua postura litúrgica,  
e sua mensagem mística,  
sumindo, pasto de traça,  
de cupim e de pobreza,  
neste sem-fim do Caraça?  
- Deus é grande... – Deus ajuda  
a quem, esperto, madruga.  
E daí, meu padre, atente  
que milagre brasileiro  
anda bastante vasqueiro.  
Pegue logo esse dinheiro,  
e com ele faça obras,  
obras, obras e mais obras  
que a casa do Irmão Lourenço  
está pedindo, e que, feitas,  
serão atrativo imenso

---

à multidão de turistas.  
Bote piscina, *playground*,  
cassino – um ‘Monte Cassino’,  
bote som sofisticado  
com Rachel Welch e quejandas  
bailando pelas varandas!  
- Jamais... – Jamais? Que pecado,  
recusar a minha oferta!  
Eis que outro sacerdote,  
de mansinho e de oiça alerta,  
já sonhando com um caixote  
só de notas de quinhentos  
abarrotando a arca murcha  
da magra comunidade  
puxa o outro pela manga,  
sussurra-lhe: - É bom negócio.  
Deus decerto não se zanga,  
se vige a necessidade.  
Os dois discutem: - Não, não.  
- Ora essa, meu irmão.  
Vai-se a pintura, mas fica  
a nossa vida segura.  
Já se criam dois partidos  
entre os padres pressionados  
e já novos compradores  
em enxames voadores  
e propostas tentadoras  
ferem o doce silêncio  
em que, à tarde, ressoa  
a melodia dos poemas  
de Henriqueta Lisboa  
sobre a vívida montanha.

---

Vende, não vende. Vendemos?  
Que vale ter Ataíde  
e não ter teto e parede?  
Ser um sacrário de arte,  
a mais pura arte mineira,  
orgulho do nosso Estado  
e da alma brasileira,  
sem ter como restaurar  
a velha casa de ensino  
onde ensinamos a amar  
as criações do passado?  
Debatem os lazaristas  
o grave dilema, enquanto  
Manuel da Costa Ataíde  
e sua tela, suprema  
esperança de resgate  
da indigência caracense,  
viram tema de comércio.  
Corre, corre, Aureliano,  
vai, Conselho de Cultura,  
depressa, Assembléia, vai,  
salva os padres agoniados  
da prontidão que os achaca,  
e salvando-os, preservando-os  
da mercantil ameaça,  
salva a arte, salva a glória,  
salva o máximo tesouro,  
a riqueza que não passa:  
Cristo-Ceia do Caraça!

[Manuscrito, em papel timbrado com o nome de CDA em caixa alta]

Rio, 8 de novembro de 1978.

Querida Henriqueta:

Você disse sobre a poesia de Jorge Guillén a palavra justa e iluminadora. Pela oportunidade, que me deu, de ler o seu artigo em *Insula*, o agradecimento de seu amigo,

Carlos.

#### Notas

1. Jorge Guillén (1893 – 1984), poeta espanhol, cujos livros, que se encontram na biblioteca de Henriqueta, trazem anotações a lápis em algumas páginas. Os poemas de Guillén foram incluídos na coletânea *Antologia poética para a infância e a juventude* (Rio de Janeiro: INL, 1961; Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966), juntamente com outros poemas traduzidos de Rosalía de Castro, Luis de Góngora, Giacomo Leopardi, Lope de Veja, Ludwig Uhland, Juan Maragall e José Martí, Schiller, entre outros.
2. A Revista *Insula*, de Madri, publicou uma resenha a respeito desta edição, elogiando a criteriosa seleção dos poemas.
3. Henriqueta Lisboa publicou ensaios a respeito do poeta, como ‘A poesia de Jorge Guillén’ (In *Insula*, Madri, 1978, p. 327-330).

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 6 de outubro de 1979.

Prezado Carlos,

A sua crônica de 29 de setembro me convenceu de que não foi desperdiçada a minha longa dedicação à poesia: posso contar com alguns bons amigos como você, meu grande Poeta.

Afetuosamente obrigada,

Henriqueta.

#### Notas

1. Em 1979, Henriqueta recebeu o Diploma de Mérito Poético por Decreto do Governo do Estado de Minas Gerais, comemorativo dos 50 anos de poesia.
2. Transcrevo, a seguir, parte da crônica de 29 de setembro de 1979, Caderno B, do *Jornal do Brasil*, que trata da escritora.

Semana: entre o juro e a poesia

[...]

Agora o vento me traz de Belo Horizonte uma notícia poética. Alguém faz 50 anos de exercício de poesia, e esse alguém é saudado com carinho pela cidade, através de sua melhor gente pensante e sensível.

Refiro-me a Henriqueta Lisboa, a nossa delicada flor de um jardim mental. Jardim em cujo interior ela vai apurando o seu viver e a transparência de seus versos. Dois de seus livros de ensaios chamam-se *Convívio poético* e *Vivência poética*. Títulos que definem o

---

ser e o fazer de Henriqueta, desde os poemas de *Enternecimento* (1929) até *Celebração dos elementos – água ar fogo terra* (1977). Se quisermos juntar poesia e Minas Gerais num só contexto, o nome desta combinação é Henriqueta Lisboa.

Como nós, mineiros, amamos Henriqueta Lisboa, de agradecido e enlevado amor! É nosso diamante, nossa riqueza particular e maior. Mas será que a amamos tanto assim, como de justiça, ou estou mentindo para esconder uma dívida de sentimento? Sua poesia era para ser lida e lembrada em cada lar mineiro que tenha condições de amar não apenas os artistas visíveis e audíveis, dos programas de TV. Muitas outras pessoas poderiam ter em casa um livro seu (*Montanha viva, Caraça, ou Além da imagem, ou O alvo humano*) como têm um toca-disco, um televisor, um gravador, um eletrodoméstico de lazer ou de serviço. E não têm. As tiragens de livros de poesia são limitadas. E fazem tanta falta os poetas como Henriqueta Lisboa!

Mas estou celebrando Henriqueta como valor mineiro, prenda mineira, jóia e flor das montanhas. Eu devia dizer, e agora digo, é que Henriqueta é nossa discreta, escondida, mas indiscutível flor nacional, jóia nacional.

[Manuscrito]

Rio , 15 de janeiro de 1981.

Cara Henriqueta:

Sua poesia tem um feitiço nobre, que me envolve. Reencontrei-o em *Madrinha Lua*. Faz com que eu me sinta em Minas, inefavelmente.

Obrigado pela lembrança, o abraço de fiel admiração do

Carlos.

#### Nota

1. *Madrinha Lua*. 3 ed. Belo Horizonte: Coordenação de Cultura de Minas Gerais, 1980. Contém um estudo intitulado 'A mineiridade em *Madrinha Lua*', de Antônio Sérgio Bueno. (2 ed. Rio de Janeiro: Os Cadernos de Cultura, 1958).



---

60

[Cartão manuscrito]

Rio, 27 de novembro de 1982.

Cara Henriqueta,

um abraço de antiga e fiel amizade, o comovido agradecimen-  
to de

Carlos Drummond de Andrade

#### Nota

1. Em outubro, ao completar 80 anos, o poeta recebeu expressivas demonstrações de amizade e de homenagem em todo o país. Foram realizadas exposições comemorativas de sua obra na Biblioteca Nacional e na Casa de Rui Barbosa; a Universidade Federal do Rio Grande do Norte lhe deu o Título de Doutor Honoris Causa, e o poeta publicou *A lição do amigo*. Lembro, ainda, que, em 31 de outubro, a cidade do Rio de Janeiro amanheceu com grandes *outdoors* alusivos à data.

[Manuscrito]

Rio, 8 de janeiro de 1983.

Cara Henriqueta:

Foi uma alegria receber *Pousada do ser*. Você conseguiu admiravelmente fazer da poesia uma forma de meditação, que capta o interior, a essência das coisas. São poemas que a gente lê com uma grande delícia. Obrigado pelo oferecimento de obra tão alta. Sempre a carinhosa admiração do seu

Carlos Drummond.

**Nota**

1. *Pousada do ser*. (1976-1980). Estudo de Padre Lauro Palú, 'Ser e celebração'. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Foi o último livro lançado pela autora em vida.

[Manuscrito]

Belo Horizonte, 19 de janeiro de 1983.

Prezado Carlos,

Agradeço-lhe, de vivo coração, a fineza de oferecer-me *A lição do amigo*. Senti-me extremamente emocionada com a leitura do livro, preciosíssimo pelas Cartas, pela Apresentação e pelas Notas. A sua contribuição pessoal valorizou o texto de modo exemplar, orientando e instruindo o leitor. Isso faz crescer o meu reconhecimento pela dádiva, recebida com o maior carinho.

Muito obrigada, também, pela sua boa carta sobre *Pousada do ser*.

Sinceramente,

Henriqueta.

#### Notas

1. *A lição do amigo*. (Cartas de Mario de Andrade a Carlos Drummond de Andrade). Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

2. Dedicatória que se encontra no exemplar de Henriqueta:

A querida Henriqueta,  
em lembrança do nosso amigo,  
com o abraço afetuoso do  
Carlos.  
Rio, 12/1982.

---

3. No ano de 1983, Drummond publicou *Nova Reunião* e *O elefante* (infantil), e declinou do Troféu Juca Pato.

[Cartão sem data, manuscrito]

Carlos Drummond,

O ano novo é ensejo para que eu renove os votos que sempre  
faço pela sua felicidade e a de sua família, sinceramente.

Henriqueta.

---

TELEGRAMA

23/1/1944

CARLOS DRUMMOND

CONFORME RECOMENDAÇÃO ESCREVI MEYER SOBRE  
MENINO POETA DUAS EXPRESSAS SEM RESPOSTA PON-  
TO GRANDE FAVOR FACILITAR AQUISIÇÃO  
AGRADECIMENTOS DESCULPAS HENRIQUETA LISBOA.

**Nota**

1. Pode tratar-se do escritor Augusto Meyer (1902 – 1976).

---

TELEGRAMA

29/ 10/ 1956

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.  
RUA JOAQUIM NABUCO 81 RIO.

AFETUOSOS AGRADECIMENTOS SEU INTERESSE -  
HENRIQUETA.

---

TELEGRAMA

25/ 07/ 1984

CARLOS DRUMMOND  
CONSELHEIRO LAFAYETTE 60 APTO 701  
RIO DE JANEIRO/RJ

COMOVIDA AGRADEÇO CATIVANTE POEMA AFETUOSA-  
MENTE

HENRIQUETA LISBOA



---

TELEGRAMA

16/ 10/ 1984

CARLOS DRUMMOND  
CONSELHEIRO LAFAYETTE 60 APTO. 701  
RIO DE JANEIRO/RJ

ENCANTADA AGRADEÇO NOVO LIVRO SEMPRE  
ADMIRAVEL POESIA  
COM AFETO HENRIQUETA

**Nota**

1. No ano de 1984, Drummond lançou dois livros: *Boca de Luar* e *Corpo*.